

PROBLEMATIZANDO A DOCTRINA DA INERRÂNCIA BÍBLICA: UMA ANÁLISE EXEGÉTICA DA PRESENÇA DA BÍBLIA HEBRAICA NO NOVO TESTAMENTO

Julio Cezar Lazzari Junior*

RESUMO

Este artigo pretende analisar um aspecto do debate que envolve a concepção da inerrância da Bíblia, doutrina que defende a ideia de que as Escrituras são isentas de quaisquer erros. Sabendo que o assunto envolve diversos e complexos temas, nos limitaremos a analisar um dos aspectos da questão, que é a presença da Bíblia Hebraica no Novo Testamento, isto é, a maneira como os escritores do Novo Testamento citam as Escrituras do Antigo Testamento. Seleccionamos, devido ao propósito do artigo, apenas algumas passagens que, a nosso ver, são citadas e interpretadas de maneira problemática. Com isso, pretendemos não tirar o valor da Bíblia, mas, pelo contrário, convidar aqueles que a apreciam a não terem como pressu-

ABSTRACT

This article wants to analyze one aspect of the discussion that involves the idea about inerrancy of the Bible, doctrine that defends that Holy Bible does not have mistakes. Knowing that this matter involves a lot of difficult subjects, we will analyze just one of the aspects about the question, which is the presence of Hebrew Bible in the New Testament, in other words, the way like the New Testament writers cite the Old Testament. We selected, because of purpose of our article, just some texts that, in our opinion, are cited and interpreted of a problematic way. So, we don't want to deny the importance of the Bible, but, on the contrary, invite everybody who appreciates it not have as presupposition of interpretation the criterion of iner-

* Bacharel em teologia, tecnólogo em marketing, pós-graduado em marketing internacional e em ciências da religião e mestre em filosofia.

posto de interpretação o critério da inerrância, que pode prejudicar a sua mensagem para o homem moderno.

Palavras-chave: Inerrância. Interpretação. Problemática. Contexto.

rancy, that can damage its message to the modern human being.

Keywords: Inerrancy. Interpretation. Problematic. Context.

INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo é discutir a respeito de um aspecto do tema da inerrância da Bíblia, isto é, a forma como os escritores do *Novo Testamento*¹ interpretam certas passagens das *Escrituras Hebraicas*, o nosso *Antigo Testamento*.² A afirmação de que a Bíblia é a Palavra de Deus produz um amplo debate entre teólogos conservadores e liberais. Uma forma tradicional de se entender o que é a inerrância da Bíblia é a seguinte:

Como vamos mostrar, a Bíblia declara sem rodeios ser a Palavra de Deus. Ela nos informa também que Deus não pode errar. A conclusão, então, é inevitável: a Bíblia está isenta de erros. Se ela estivesse errada em qualquer coisa que afirma, então Deus teria cometido um erro. Mas Deus não pode cometer erros (GEISLER; HOWE, 1999, p. 13).

David Clark expressa opinião parecida:

Evidentemente a Bíblia vem de Deus. Será que Deus nos deu um livro de instrução religiosa e, entretanto, permitiu que esse livro chegasse até nós repleto de erros? Se assim é, tal livro não pode ser uma bênção e iluminação para o homem. Se ele contém erros sobre a forma de uma pretensa revelação, perpetua os erros e as trevas que professa remover (CLARK, 1988, p. 38).

Esta argumentação é seguida por muitos teólogos conservadores, os quais entendem que a Bíblia não pode possuir erros de natureza alguma. No debate sobre a questão, aparecem discussões históricas, onde as narrativas bíblicas são comparadas com a história secular, e, a partir daí, temos

¹ No corpo do texto usaremos "N.T." como abreviatura de "Novo Testamento".

² No corpo do texto, usaremos "A.T." como abreviatura de "Antigo Testamento".

um grupo defendendo a historicidade de cada relato bíblico com base nas descobertas arqueológicas, por exemplo, e outro grupo dizendo que a Bíblia não se sustenta mediante a análise da história de outros povos. Surgem também os debates que envolvem ciências como astronomia, biologia e física. Embora muitos teólogos entendam que a Bíblia não deva ser interpretada como um livro que queira dizer verdades a respeito destas ciências, o que seria um anacronismo, muitos afirmam que as verdades bíblicas não são apenas religiosas, mas científicas também (Cf. GEISLER; HOWE, 1999, p. 14-15). Estes últimos entendem que o *Gênesis* deve ser interpretado literalmente, que o mundo foi criado em seis dias, que a morte entrou no mundo com a morte de Adão etc., e que, entre algumas argumentações assumidas pela ciência e entre o que diz o relato bíblico, devemos optar pelo segundo.³ Alguns procuram achar “brechas” no texto bíblico para conciliá-lo com as recentes descobertas da ciência, como aqueles intérpretes que enxergam, por exemplo, um intervalo de tempo entre Gn 1,1 e Gn 1,2 para fazerem a narrativa bíblica não se contradizer que a ciência, que atribui ao nosso planeta um tempo muito maior do que a contagem das genealogias bíblicas sugere. Fala-se de civilizações pré-adâmicas, interpreta-se o relato da criação como uma *recriação* ou mesmo tenta-se fazer os dias da criação, narrados no *Gênesis*, serem *eras*. Ainda aparecem no debate sobre a inerrância da Bíblia as divergências de números entre um texto e outro (Cf. GEISLER; HOWE, 1999, p. 199), as supostas contradições de ideias e doutrinas (Cf. GEISLER; HOWE, 1999, p. 531), os assim ditos, por alguns, absurdos e crueldades contidos principalmente no A.T. (Cf. GEISLER; HOWE, 1999, p. 155-156) etc. Enfim, a simples expressão *inerrância da Bíblia* contém uma série de questões complexas, que envolve a interpretação dos textos bíblicos e o conhecimento de algumas ciências. Mas, como dissemos no início, trataremos de apenas um assunto dentro deste debate, que é a forma como, em certas ocasiões, os autores do N.T. interpretam o A.T. de maneira problemática, a nosso ver.

Durante a Idade Média e mesmo Moderna, a Igreja teve amplo domínio sobre o ocidente a respeito de vários assuntos, não apenas religiosos, como

³ A respeito desta afirmação, é curioso notarmos que o material do curso básico teológico da EETAD, da Assembleia de Deus, considera a teoria da evolução, de Charles Darwin, uma heresia, mencionando a citada teoria em seu livro de *Heresiologia*. Assim, uma teoria científica amplamente aceita nos nossos dias é vista como uma ameaça à fé, por comprometer a interpretação literal da Bíblia. A referência completa da obra consta na Bibliografia.

também científicos e políticos (Cf. HURLBUT, 1979, p. 100-105). Com tal domínio, até mesmo a ciência estaria sujeita a verdades pré-estabelecidas pela interpretação que se dava às Escrituras, que eram tidas como absolutamente verdadeiras e infalíveis a respeito de quaisquer assuntos.

Com o desenvolvimento da ciência, certas verdades supostamente baseadas na Bíblia passaram a ser questionadas. O conflito entre fé e razão na Idade Média talvez tenha cooperado para que as duas instâncias seguissem caminhos mais ou menos separados e para que, pouco a pouco, a Bíblia deixasse de ser fundamento para se fazer ciência. O empirismo de alguns filósofos modernos passou a ser a regra mor da ciência na busca pela verdade, na busca por se conhecer o mundo como ele é, substituindo um modelo onde algumas verdades eram estabelecidas a priori, isto é, antes da experiência, antes da investigação.⁴

Com o surgimento da crítica da Bíblia, movimento que passou a interpretar a Bíblia com os recursos com que outras literaturas eram interpretadas, não como Palavra de Deus, a exegese acadêmica se tornou mais técnica; a autoria dos livros bíblicos passou a ser questionada;⁵ a comparação das Escrituras com outras obras antigas tirou a exclusividade do nosso livro sagrado; a unidade dos textos bíblicos foi muitas vezes desconsiderada; os autores foram multiplicados. A teoria darwiniana da evolução e os cálculos, que dão uma antiguidade bem maior ao nosso planeta do que os antigos acreditavam, “obrigaram” muitos teólogos a reinterpretarem certas passagens da Bíblia, em especial do *Gênesis*. A história de Adão e Eva passou a ser vista por muitos intérpretes como mítica e muitas afirmações da Bíblia foram relativizadas.

⁴ A respeito deste assunto, convidamos o leitor a ler o primeiro capítulo da dissertação de mestrado “A religião racionalista de Voltaire”, do mesmo autor deste artigo, o qual trata da crítica de Voltaire (1694-1778) à Bíblia e demonstra como, no século XVIII, buscou-se livrar a ciência de pressupostos religiosos e também do critério de ter a Bíblia como fundamento para se desenvolver ciências como a Física ou se interpretar a História. A referência completa está na Bibliografia.

⁵ A respeito da autoria tradicional dos livros bíblicos ser questionada, recomendamos a consulta ao livro *O Pentateuco em questão*, que tem como organizador Albert de Pury. Esta obra defende que o Pentateuco, isto é, os cinco primeiros livros da Bíblia, foi escrito por vários autores, em épocas diferentes. A referência completa da obra está na Bibliografia.

1. TIPOS DE CITAÇÕES NÃO PROBLEMÁTICAS QUE O NOVO TESTAMENTO FAZ AO ANTIGO TESTAMENTO

Apesar de toda a mudança que apresentamos, breve e superficialmente, a respeito da forma como a Bíblia era vista no passado, ainda há muitos eruditos cristãos que enxergam a Escritura como isenta de quaisquer erros, inspirada *verbalmente* em cada uma de suas partes (Cf. SILVA, 2006, p. 35). Como antecipamos no primeiro parágrafo, este trabalho não pretende discutir todos os debates que envolvem a inerrância da Bíblia, mas apenas um deles, a forma como os autores do N.T. interpretam certas passagens do A.T. Para esclarecermos e delimitarmos bem o nosso trabalho, citamos o *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e “Contradições” da Bíblia*, de Norman Geisler e Thomas Howe, que fala de maneiras como o A.T. é citado no N.T., defendendo que tais formas de citações *não constituem erros*:

1. Citar uma passagem sem mudar o seu significado, com palavras diferentes, é perfeitamente aceitável;
2. Citar apenas parte do texto;
3. Parafrasear ou resumir o texto;
4. Misturar dois textos;
5. Citar uma verdade geral contida no A.T. sem mencionar um texto específico (GEISLER; HOWE, 1999, p. 24-25).

Concordamos plenamente com os autores a respeito da declaração acima. Daremos alguns exemplos para melhor elucidar os cinco tipos de citações que são mencionadas acima e frisar que também não as consideramos erros. Após isso, trabalharemos com passagens do A.T. que, ao nosso entender, são citadas pelos escritores do N.T. de maneira problemática, alterando o sentido das passagens originais, o que faz com que o argumento do autor se torne questionável, problematizando a doutrina da inerrância bíblica. Apesar disso, não é nosso propósito debater qualquer doutrina ensinada no N.T. que tenha sido endossada pela citação do A.T., mas apenas analisar se a interpretação feita se sustenta mediante a análise do texto citado e, com seriedade e honestidade intelectual, refletir se a doutrina da inerrância bíblica pode, realmente, ser fundamento para a nossa fé. De maneira indireta, um dos nossos intuítos é convidar ao leitor que ama a Bíblia Sagrada a repensar sua relação literalista com a Escritura, se for o caso, não deixando de vê-la como livro sagrado ou divinamente inspirado, mas sim refletindo

se é possível, como é feito em algumas correntes teológicas, sustentar, de maneira honesta, este tipo de inspiração, verbal e inerrante.

Vejam os casos que se encaixam no primeiro tipo de citação mencionado na lista acima, que é citar uma passagem sem mudar o seu sentido, mas fazendo a citação com palavras diferentes: “Como está escrito: o que muito colheu não teve de mais; e o que pouco, não teve de menos.” (2Cor 8,15). Paulo está citando o seguinte texto: “Porém, medindo-o com o ômer, não sobejava ao que colhera muito, nem faltava ao que colhera pouco; cada um colheu tanto quanto podia comer” (Ex 16,18). Embora Paulo use palavras diferentes, o sentido do texto não é mudado, embora as situações sejam diferentes. No caso da citação original, em *Êxodo*, a passagem se refere ao milagre dos pães que Deus enviou ao povo, onde cada hebreu deveria colher apenas o que podia comer. Assim, um colheu mais, outro colheu menos, mas o que colheu mais não teve excesso e o que colheu pouco não teve falta, pois cada um colheu apenas o que necessitava. Paulo, ao tratar das ofertas para os cristãos pobres, usa o texto de *Êxodo* a fim de defender a igualdade, isto é, aquele que tem mais deveria suprir aquele que tem menos. Em ambos os casos a distribuição equilibrada de recursos para suprir as necessidades humanas está em pauta, pelo que, ainda que tenha mudado as palavras e as aplicado em um contexto diferente, o apóstolo Paulo não muda o sentido original do texto ou sua mensagem essencial.

Citemos agora duas referências que se relacionam com o segundo item da lista acima, isto é, textos onde o N.T. cita apenas parte do texto do A.T.: “Disse-lhe Jesus: Também está escrito: não tentarás o Senhor teu Deus” (Mt 4,7). Jesus está citando o seguinte texto: “Não tentareis o Senhor vosso Deus, como o tentastes em Massá” (Dt 6,16). O fato da passagem não ter sido citada na íntegra não significa que ela não esteja correta. Pelo contrário, se assim fosse, nenhuma citação poderia ser feita, já que qualquer citação teria que reproduzir inteiramente o que foi dito por um autor. Jesus cita um trecho da referência da Torá preservando o seu sentido original, cortando apenas um trecho que não seria relevante manter numa citação. Continuamos, até aqui, a concordar com o *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e “Contradições” da Bíblia*.

Vejam os casos que se encaixam no terceiro caso, parafrasear ou resumir o texto: “Mas, como está escrito: as coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o

amam” (1Cor 2,9). Muitos estudiosos entendem que o apóstolo cita a seguinte referência: “Porque desde a antiguidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu um Deus além de ti que trabalha para aquele que nele espera” (Is 64,4). Como vemos, os dois textos não estão dizendo exatamente as mesmas coisas e tampouco estão escritos de forma idêntica. Em um texto se fala a respeito do que Deus preparou para quem o ama e em outro se fala a respeito do que Deus é. Contudo, uma coisa está intimamente relacionada à outra, pois na própria citação de Isaías o versículo é concluído com a informação daquilo que Deus faz, isto é, trabalha para aqueles que nele esperam. Assim, sem debater mais profundamente as duas referências citadas, entendemos que parafrasear ou resumir um texto não significa corrompe-lo ou alterar o seu sentido.

Passemos para o quarto caso citado na lista, que se refere a misturar dois textos em uma citação: “Então se realizou o que vaticinara o profeta Jeremias: tomaram as trinta moedas de prata, preço do que foi avaliado, que certos filhos de Israel avaliaram, e deram-nas pelo campo do oleiro, segundo o que o Senhor determinou” (Mt 27,9-10). Alguns entendem que Mateus está citando duas referências ao mesmo tempo, que seriam Zc 11,12-13 e Jr 32,6-15. Entendemos que as passagens do A.T. que estariam sendo citadas não estão dizendo exatamente o que Mateus diz, mas não é nosso propósito analisa-las aqui. Contudo, o simples fato de um autor misturar duas passagens não implica, necessariamente, em erro, em equívoco, em corromper as passagens.

Por fim, daremos exemplos do quinto item da lista, que é citar uma verdade geral da Escritura que não esteja em nenhum texto específico do A.T. Vejamos o primeiro caso: “E chegou, e habitou numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno” (Mt 2,23). Sem nos alongarmos com as possibilidades de interpretação dadas ao versículo, alguns entendem que Mateus quer dizer que, dum modo geral, o fato de Jesus ser chamado de nazareno demonstra que ele seria desprezado, o que teria sido profetizado no A.T. Seja como for, o importante é frisarmos que a citação feita desta forma também não constitui, a nosso ver, problemas para a doutrina da inerrância bíblica, já que o próprio Mateus não menciona nenhuma referência específica. Temos mais um exemplo: “Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre” (Jo 7,38). Parece que não há nenhum texto da Escritura que diga isso, embora haja textos que falem de água como símbolo

da presença e bênção de Deus (Cf. Is 35,1-10; 55,1). Neste caso, Jesus estaria citando uma verdade geral do A.T. sem mencionar nenhum texto ou passagem específicos. Portanto, até aqui concordarmos com a relação mencionada brevemente acima, da qual procuramos dar alguns exemplos ilustrativos, a fim de evitar que haja confusão quanto ao tipo de texto que vamos tratar como problemáticos neste artigo.

O *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e “Contradições” da Bíblia* diz o seguinte:

Também há momentos em que o NT aplica um texto de um modo diferente em relação ao AT. Por exemplo, Oséias aplica “Do Egito chamei o meu filho” à nação messiânica e Mateus, ao produto daquela nação, o Messias (Mt 2:15 e Os 11:1). Em caso algum, porém, o NT interpreta de forma errada ou não aplica corretamente o AT, nem ainda tira qualquer conclusão do que não esteja presente naquele texto. Em resumo, o NT não comete erros quando cita o AT, como acontece quando os críticos citam o NT (GEISLER; HOWE, 1999, p. 25).

Enfim, após termos eliminado todos os tipos de citações que não queremos debater, pois não as consideramos problemáticas para a doutrina da inerrância da Bíblia, chegamos à questão que queremos abordar. Geisler e Howe, autores da obra, usam a palavra “diferente” para se referir à forma como às vezes o N.T. interpreta o A.T., mas veremos que esta palavra é um eufemismo que esconde a realidade de que o A.T. é interpretado, algumas vezes, de maneira frouxa, descontextualizada, citado segundo a necessidade do autor do N.T. para dar autoridade ao seu argumento, muitas vezes torcendo o sentido original da passagem. O *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e “Contradições” da Bíblia* afirma que o N.T. não tira qualquer conclusão, ao citar o A.T., que já não esteja presente no A.T., mas veremos que isto dificilmente pode ser sustentado mediante uma análise mais atenta e que, na maior parte dos textos problemáticos em que discutimos a questão, o *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e “Contradições” da Bíblia* não se pronuncia.

2. INTERPRETAÇÕES PAULINAS DO ANTIGO TESTAMENTO

Começemos analisando 1Cor 9,8-10, no qual temos a seguinte referência paulina:

Digo eu isto segundo os homens? Ou não diz a lei também o mesmo? Porque na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi que trilha o grão. Porventura tem Deus cuidado dos bois? Ou não o diz certamente por nós? Certamente por nós está escrito; porque o que lavra deve lavrar com esperança e o que debulha deve debulhar com esperança de ser participante (Almeida Corrigida e Revisada).

Não digo isso do ponto de vista meramente humano; a Lei não diz a mesma coisa? Pois está escrito na Lei de Moisés: “Não amordace o boi enquanto ele estiver debulhando o cereal”. Por acaso é com bois que Deus está preocupado? Não é certamente por nossa causa que ele o diz? Sim, isso foi escrito em nosso favor. Porque “o lavrador quando ara e o debulhador quando debulha, devem fazê-lo na esperança de participar da colheita” (Nova Versão Internacional).

No contexto dos versículos citados, Paulo está defendendo seu direito e de Barnabé, incluindo nisso, conseqüentemente, todos os ministros do evangelho, de receberem sustento e benefícios materiais por seu trabalho de pregação da Palavra. O apóstolo entende que aquele que ministra o evangelho tem direito de deixar de trabalhar e receber sustento pela sua labuta como missionário (1Cor 9,6-7) e, para dar sustentação divina ao seu argumento, cita a Lei, no trecho de Dt 25,4, que diz:

Não amordacem o boi enquanto está debulhando o cereal (Nova Versão Internacional).

Não amordaçarás o boi que debulha o grão (Bíblia de Jerusalém).

Não atarás a boca ao boi quando ele pisar o grão (Versão Católica).

O contexto desta passagem de Deuteronômio fala de alguns preceitos a serem cumpridos pelos hebreus, de certas normas, como açoitar um homem culpado por alguma falta (Dt 25,1-3), a obrigação do homem de se casar com sua cunhada cujo marido faleceu sem deixar filhos com ela, conhecida como lei do levirato (Dt 25,5-10), do envolvimento de uma mulher na briga do marido com outro homem (Dt 25,11-12), etc. Assim, o texto citado por Paulo, que trata do cuidado com os bois (Dt 25,4), não parece ter sentido alegórico, como ele interpreta, pois todo o contexto se refere a situações reais da vida dos hebreus, a leis que visam solucionar problemas que eles viviam, e nada há, no texto ou no contexto, que sugira uma interpretação diferente. E o maior problema não é a interpretação alegórica, como o apóstolo fez na epístola aos gálatas com a história de

Sara e Hagar e do nascimento de seus respectivos filhos (Cf. Gl 4,21-31), mas sim o fato de rejeitar o sentido original do versículo, que é mesmo o cuidado com os bois. A pergunta presente no texto, “por acaso é com bois que Deus está preocupado?”, demonstra que o apóstolo modificou o sentido original do versículo, que demonstra sim a preocupação da lei mosaica com os bois. Lendo o contexto do versículo não temos nada que indique que o texto da Torá esteja se referindo aos ministros religiosos como dignos de receber salário. Sabemos que a Torá defende o direito dos levitas de serem sustentados pelos dízimos e ofertas que os hebreus levavam a eles, e não é nosso propósito discutir aqui tal legitimidade, mas apenas estamos analisando a forma como Paulo interpreta, especificamente, Dt 25,4. Sobre estes textos, o *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e “Contradições” da Bíblia* não tem nenhum comentário.

Vejamos outro texto em que o apóstolo Paulo cita o A.T., agora analisando 1Cor 14,21-22:

Está escrito na Lei: Falarei a esse povo por homens de outra língua e por lábios estrangeiros, e mesmo assim não me escutarão, diz o Senhor. Por conseguinte, as línguas são um sinal não para os que crêem, mas para os que não crêem. A profecia, ao contrário, não é para os incrédulos, mas para os que crêem (Bíblia de Jerusalém).
In the law it is written, With {men of} other tongues and other lips will I speak unto this people; and yet for all that will they not hear me, saith the Lord.

Wherefore tongues are for a sign, not to them that believe, but to them that believe not: but prophesying {serveth} not for them that believe not, but for them which believe (King James).

Na passagem, o apóstolo Paulo expõe seu ensinamento sobre o dom de variedade de línguas. Além de mostrar que as línguas são inferiores à profecia (1Cor 14,1-5), o apóstolo impõe restrições ao uso das línguas no culto sem critério ou objetivo (1Cor 14,6-8), pois as línguas edificariam apenas a quem as fala (1Cor 14,16-17), não tendo utilidade aos que as ouvem sem interpretação. E Paulo coloca a objeção citada, de que as línguas são um sinal para os incrédulos, não para os crentes, citando, para dar sustentação divina à sua fala, o texto de Is 28,11,12, que diz o seguinte:

Com efeito, é com lábios gaguejantes e em uma língua estranha que ele falará a este povo. Ele lhes dissera: “Este é o repouso! Dai re-

pouso ao cansado: este é lugar tranquilo”, mas não quiseram escutar (Bíblia de Jerusalém).

Pois bem, com lábios trôpegos e língua estranha Deus falará a este povo, ao qual dissera: “Este é o lugar de descanso. Deixem descansar o exausto. Este é o lugar de repouso!” Mas eles não quiseram ouvir (Nova Versão Internacional).

No contexto (sempre é importante frisar esta palavra para interpretarmos o versículo corretamente), Isaías está repreendendo Efaim (referência ao norte de Israel) porque seus sacerdotes e profetas não desempenhavam adequadamente seus papéis, pois eram dominados pela bebida alcoólica (Is 28,3-7). Os ouvintes das palavras de Isaías afirmavam, zombeteiramente, que seu ensino serviria apenas para crianças, para bebês de colo (Is 28,9), e escarneciam de suas palavras (Is 28,10). Embora as versões normalmente traduzam Is 28,10 mais ou menos como “ordem sobre ordem, ordem sobre ordem, norma sobre norma, norma sobre norma, ora para cá, ora para lá!”, a Nova Versão Internacional comenta o seguinte sobre o versículo: “Possivelmente [se referem a] sons sem sentido; talvez uma imitação zombadora das palavras do profeta” (p. 651). A Bíblia de Jerusalém tem a seguinte informação: “Lit.: ‘ordem sobre ordem... medida sobre medida... um pouco aqui um pouco além’. Mas não é preciso procurar traduzir estas palavras, que são escolhidas apenas por sua sonoridade” (p. 1295). Por isso a Bíblia de Jerusalém traduz assim o texto de Is 28,10:

A quem ensinará ele o conhecimento? A quem fará ele entender o que foi dito? As crianças apenas desmamadas, apenas tiradas do seio, quando diz: çav laçav, çav, laçav; qav laqav; qav laqav; ze'êr sham, ze'êr sham.

Sendo assim, tendo o comentário esclarecedor dessas duas importantes versões, bem como a própria tradução da Bíblia de Jerusalém corroborando essa interpretação, os ouvintes de Isaías estariam imitando suas palavras de maneira zombadora, como se estivessem representando uma criança que não sabe falar direito. Por quê? Vejamos o que comenta Champlin a respeito:

Os mofadores diziam que o profeta apenas balbuciava, procurando aplicar a eles um método que só servia para crianças. As crianças, quando estão aprendendo o alfabeto, precisam de muita repetição, mas *homens sábios* como eles não precisavam de nenhum professor

primário. “Tu e tuas eternas repetições das mesmas lições infantis. Tu e tuas repetições gaguejadas: çau laqaw, çau laqaw!” (CHAMPLIN, 2001, p. 2870).

Portanto, parece que o versículo 10 de Is 28 seja uma referência à zombaria com a qual o profeta Isaías foi tratado por seus ouvintes, que o acusavam de ter uma mensagem que só servia para crianças, não para homens adultos, formados, inteligentes. O versículo 14 do mesmo capítulo parece sugerir isso, pois a Nova Versão Internacional usa a palavra “zombadores” e a Versão Católica diz “gracejadores” ao se referir a esses profetas e sacerdotes, o que nos sugere que os comentários da Nova Versão Internacional e de Champlin, a respeito do tom zombador dos sacerdotes e dos profetas, estão com a razão. Assim, devido a esses homens rejeitarem as palavras do profeta e até zombarem dele, Deus enviaria contra eles um povo de língua estranha, isto é, se eles não se converteram por meio das palavras claras do profeta, teriam como castigo a vindo de um povo de fala estranha, provável referência aos assírios (Is 28,11), ou mesmo aos babilônios, como opina Champlin:

Visto que os habitantes de Judá se recusavam a ouvir aquelas instruções infantis, que tinham por intuito fazer-lhes o bem, seriam forçados a ouvir os sons bárbaros dos invasores estrangeiros, os quais lhes ensinariam uma ou duas lições. Yahweh haveria de falar a seu povo por meio dos babilônios, tal como tinha falado à nação do norte, Israel, por meio dos assírios. Isso poria fim definitivo às festas e à zombaria contra a mensagem de Deus (CHAMPLIN, 2001, p. 2870).

Sendo assim, ao lermos a passagem dos versículos citados por Paulo, respeitando o contexto e não isolando uma parte dela, entendemos que o nosso apóstolo a citou muito frouxamente. Ele pega esta passagem, onde a língua estrangeira seria um sinal divino contra os rebeldes de Israel, com foco nos sacerdotes e profetas, para demonstrar aos coríntios que as línguas (aí já não é a língua de um povo estrangeiro, mas o dom de variedade de línguas) não teriam como objetivo os crentes, mas os incrédulos, o que ele mesmo nega em seguida (1Cor 14,23). Em um caso, na passagem de Isaías citada pelo apóstolo, é a presença do inimigo estrangeiro que vem castigar Israel que se constitui um sinal ao povo rebelde, e Paulo se utiliza desse exemplo para aplica-lo ao uso do dom de línguas no culto. Agora, não nos parece que o apóstolo, novamente, ignora todo o contexto e a situação da

passagem que cita isoladamente? Não parece um mau argumento usar o texto de Isaías, que se refere a um povo de língua estrangeira que castigaria Israel, para falar que o dom de línguas é um sinal para o incrédulo? Qual a relação entre as línguas faladas pelos assírios que invadiriam Israel com as línguas que um crente em Corinto falaria no culto? O leitor pode dizer que a semelhança das situações é que ambas as línguas não seriam entendidas pelos ouvintes, mas estamos falando de situações tão diferentes que o fato de as línguas estrangeiras terem sido usadas como sinal contra Israel nada tem a ver com o uso das línguas estranhas no culto. Na verdade, não é a língua estrangeira em si que seria um sinal contra os incrédulos do povo de Israel, mas a própria presença do povo inimigo, que castigaria os hebreus por sua rebeldia. Novamente o *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e “Contradições” da Bíblia* não tem qualquer comentário a fazer a respeito.

Tratemos agora do que está escrito por Paulo em 1Cor 15,55, que diz o seguinte:

Morte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão?
(Bíblia de Jerusalém).

Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?
(Almeida Corrigida e Revisada).

No contexto, o apóstolo Paulo fala da ressurreição e do arrebatamento dos salvos e a frase citada é uma espécie de hino de vitória contra a morte, como se o salvo estivesse se dirigindo à morte e, após vencê-la, a desafia, perguntando retoricamente: onde está, ó morte, a tua vitória? E sabemos que o apóstolo extraiu esta citação de Os 13,14, que diz:

Eu os remirei da mão do inferno, e os resgatarei da morte. Onde estão, ó morte, as tuas pragas? Onde está, ó inferno, a tua perdição? O arrependimento está escondido de meus olhos (Almeida Corrigida e Revisada).

Eu os redimirei do poder da sepultura; eu os resgatarei da morte. Onde estão, ó morte, as suas pragas? Onde está, ó sepultura, a sua destruição? Não terei compaixão alguma... (Nova Versão Internacional).
Deveria eu livrá-los do poder do Xeol? Deveria eu resgatá-los da morte? Onde estão, ó morte, as tuas calamidades? Onde está, ó Xeol, o teu flagelo? A compaixão se esconde de meus olhos (Bíblia de Jerusalém).

Na versão Almeida Corrigida e Revisada e na Nova Versão Internacional, Os 13,14 expressa sentimento de vitória contra a morte, mas a Bíblia de Jerusalém traduz de maneira contrária, dando a entender que Deus faz perguntas retóricas a si mesmo, isto é, Deus se pergunta se deveria livrar a Efraim da morte. Todo o capítulo 13 é de ameaça contra Efraim, proclamando sua derrota, pelo que faz mais sentido que o versículo 14 seja uma ameaça, não um hino de vitória contra a morte. A Bíblia de Jerusalém comenta o seguinte:

O contexto exige que o v. 14 seja interpretado como ameaça. As duas primeiras questões pedem resposta negativa, as duas seguintes são apelo convidando a morte e o Xeol a enviarem suas “maldições” sobre o povo rebelde. Paulo cita este texto para anunciar que a morte foi vencida (1Cor 15,55); mas ele o interpreta conforme o costume de seu tempo, quando não se tinha escrúpulo de isolar uma frase de seu contexto (p. 1602).

A própria frase de Os 13,14, “a compaixão se esconde de meus olhos” (Bíblia de Jerusalém), ou “não terei compaixão alguma” (Nova Versão Internacional), demonstra que o contexto é de ameaça, não de vitória, pois é o próprio Deus que estaria falando isso. Assim, as perguntas “onde estão, ó morte, as suas pragas?”, e “onde está, ó sepultura, a sua destruição?”, parecem mais um convite divino para que a morte demonstre a sua força contra Efraim do que um hino de vitória contra a morte, como interpretado pelo nosso apóstolo, visto que, se assim fosse, a frase estaria totalmente fora do contexto.

O comentário de Champlin sobre Os 13,14 esclarece a passagem:

O presente versículo, na opinião de alguns, tem duas perguntas retóricas no começo e, se esse é o ponto de vista correto, então não há nenhuma esperança prometida. Essas perguntas são: Yahweh redimirá Israel do *sheol*? A resposta esperada é Não! A outra pergunta é: A apóstata Israel será redimida da morte? A resposta esperada também é Não! Mas outros intérpretes vêem as duas questões alegadas como simples afirmações. Nesse caso, devemos compreender que a apóstata nação de Israel, ao arrepende-se, ainda poderia ser salva do *sheol* e da morte. Esse é o uso que Paulo faz do versículo, mas não significa que essa era a intenção original do autor. As perguntas retóricas

concordam melhor com a conclusão do versículo: “Meus olhos não vêem em mim arrependimento algum” (CHAMPLIN, 2001, p. 3476).

Não temos a pretensão de discutir se está certo traduzir de uma ou de outra forma, pois foge da nossa competência, mas, ao analisarmos o contexto do versículo citado pelo apóstolo Paulo, notamos que todo ele trata de ameaça a Efraim, norte de Israel, e, olhando por este ponto de vista, faria mais sentido entendermos que Os 13,14 não é uma frase de vitória contra a morte, mas sim um anúncio, em forma de pergunta retórica, que demonstra que o destino de Efraim seria a morte, o sheol. Assim, as perguntas “onde estão, ó morte, as tuas pragas?” e “onde está, ó sepultura, a tua destruição?”, parecem demonstrar mais um convite divino para que a morte traga sua destruição contra Efraim do que uma frase de vitória contra a morte e o inferno. Portanto, novamente nos parece que o apóstolo Paulo isolou o texto citado do seu contexto, dando o significado a ele que lhe parecia ser interessante. Não se trata, da nossa parte, de debater, neste espaço, as doutrinas que Paulo ensina, neste caso a da ressurreição, mas apenas de fazer exegese séria com as passagens utilizadas por ele para legitimar essas mesmas doutrinas. Aqui, novamente, não temos nenhum comentário apolo-gético do *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e “Contradições” da Bíblia*.

Vejamos mais um caso de uma citação feita no N.T. a um texto das Escrituras Hebraicas, onde novamente Paulo é quem se utiliza do A.T. para fundamentar sua argumentação. O texto abaixo está em 1Cor 10,6-10:

Ora, esses fatos aconteceram para nos servir de exemplo, a fim de que não cobicemos coisas más, como eles cobiçaram. Não vos torneis idólatras como alguns dentre eles, segundo está escrito: *O povo sentou-se para comer e beber; depois levantaram-se para se divertir*. Nem nos entreguemos à fornicação, como alguns deles se entregaram, de modo a perecerem num só dia vinte e três mil. Não tentemos o Senhor, como alguns deles o tentaram, de modo a morrer pelas serpentes. Não murmureis, como alguns deles murmuraram, de modo que pereceram pelo Exterminador (Bíblia de Jerusalém).

Como podemos notar, o apóstolo cita episódios narrados na Torá, especificamente em *Êxodo* e *Números*, com o propósito de extrair lições morais e espirituais dos erros cometidos pelos hebreus no deserto, sob a liderança de Moisés. Os cristãos de Corinto deveriam observar os pecados que os filhos de Israel cometeram e as consequências que colheram a

fim de não seguirem o mesmo caminho. A lição da passagem é bem clara e não haveria qualquer problema com ela, a não ser pelo fato de que Paulo parece ter cometido um deslize, que é totalmente irrelevante para o entendimento da mensagem, mas, como os conservadores não admitem erros de qualquer natureza na Bíblia, é importante fazermos a abordagem para analisarmos até onde é possível, *com argumentos sérios e honestos*, continuar a se defender a inerrância bíblica. O “problema” da passagem é que Paulo cita vinte e três mil mortos, enquanto a passagem de Nm 25,9, que pode e parece ser a que ele tinha em mente, menciona vinte e quatro mil, ou, caso ele esteja citando Ex 32, o problema também persiste, pois lá o número geral de mortos não é especificado. Vejamos o comentário do *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e “Contradições” da Bíblia* a respeito da passagem:

Primeiro, em Êxodo 32:28 as pessoas foram mortas à espada, e as que Paulo menciona morreram pela espada e por causa de uma praga. Êxodo 32:35 diz: “Feriu, pois, o Senhor ao povo, porque fizeram o bezerro que Arão fabricara”. Paulo dá o total incluindo os que foram mortos pela espada e pelo ferimento do Senhor (pela praga). Mas Êxodo 32:28 nos fornece apenas o número dos que foram mortos pela espada.

Segundo, alguns acham que o número de pessoas mortas que Paulo fornece relaciona-se com um relato de juízo ocorrido em Números 25:9, que diz terem sido mortas 24.000 pessoas. Isso pode ser respondido de duas maneiras. Primeiramente, a passagem de Números não dá um período de tempo específico dentro do qual tantas pessoas morreram, mas o apóstolo Paulo disse que 23.000 morreram num só dia. A passagem de Números, entretanto, não especifica quantos foram mortos num só dia, mas fornece o número total de mortes. Além disso, alguns estudiosos dizem que Paulo não se refere a Números, porque 1 Coríntios 10:7 cita Êxodo 32:6, enquadrando-se assim o contexto de 1 Coríntios com Êxodo 32:28 (GEISLER; HOWE, 1999, p. 464).

O leitor sério e atento percebe a fragilidade dos argumentos de Geisler e Howe. Os autores afirmam, antes de tudo, que Paulo está citando o total de mortos mencionados no texto de Ex 32, mortos pela espada, isto é, pelas mãos do homem, e mortos pela praga, isto é, mortos pelas mãos de Deus. A pergunta que Geisler e Howe não respondem é: se o texto de *Êxodo* menciona três mil mortos à espada (Cf. Ex 32,28), de onde o apóstolo

Paulo tirou mais vinte mil mortos (para totalizar os vinte e três mil mortos que ele menciona), se o texto que fala dos mortos pela praga *não menciona a quantidade de mortos* (Cf. Ex 32,35)? Paulo inventou o número? Recebeu por revelação? Ou quem sabe algum dia se descobrirá um manuscrito que concorde com o número que Paulo citou?

A segunda parte do argumento também carece de solidez e atenção. Para não admitir que Paulo esteja citando Nm 25,9, que fala de vinte e quatro mil mortos, e assim teríamos a triste ideia de que a Escritura poderia cometer um erro, o *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e “Contradições” da Bíblia* enfatiza que o apóstolo Paulo está falando do número de pessoas que morreram *em um só dia*, isto é, Paulo só poderia estar citando Ex 32, pois lá menciona as mortes ocorridas em um só dia, enquanto Nm 25,9 não o faz. Como vimos, Geisler e Howe afirmam que os vinte e três mil são a soma dos mortos pela espada mais os mortos pela praga divina, o que, para eles, ocorreu em um só dia, o que eles defendem com base na afirmação de Paulo. Todavia, mesmo o texto de *Êxodo* fala que morreram *num só dia* os três mil que pereceram pela espada (Ex 32,28). Os demais, mortos pela praga, não foram mortos no mesmo dia (Cf. Ex 32,30-35). Assim, a tentativa de afirmar que o número total de mortos mencionados por Paulo se refere aos que foram mortos pela espada mais os que foram mortos pela praga, além de não justificar o número de vinte e três mil, cai por terra com a informação do texto bíblico de que as duas coisas não aconteceram no mesmo dia.

Por fim, a terceira parte do argumento citado acima também não pode ser encarada seriamente pelo leitor honesto da Bíblia. Para continuar a afirmação de que Paulo não está citando *Números*, os autores afirmam que o contexto de *I Coríntios* se enquadra em Ex 32,28. Na verdade, o contexto de *I Coríntios* se enquadra não só com Ex 32,28, mas com outras passagens, que uma leitura simples já o demonstra, como vemos:

1. Paulo afirma que os hebreus cobiçaram coisas más, o que pode se enquadrar, entre outras passagens, em Nm 11,4;
2. Paulo diz que eles se tornaram idólatras, sentando-se para comer e beber e levantando-se para se divertir, o que se enquadra em Ex 32,6;
3. Paulo menciona que eles se entregaram à fornicção e morreram, num só dia, vinte e três mil. Tal citação pode se referir tanto a Ex 32,28 como a Nm 25,1-9. Nos dois casos, porém, não há como justificar, do

ponto de vista da inerrância bíblica, vinte e três mil pessoas, já que em um menciona-se três mil e no outro vinte e quatro mil;

4. Paulo afirma que eles tentaram ao Senhor e morreram pelas serpentes, citação feita à passagem de Nm 21,4-6;

5. Paulo também diz que eles murmuraram e morreram pela mão do Exterminador, o que nos remete ao texto de Nm 16,41-50.

Assim, é difícil entender como estudiosos que fazem um trabalho tão grande como Geisler ignoram que Paulo não está citando apenas Ex 32,28, mas outras passagens, o que o faz com clareza. Mesmo um leitor que não é erudito, mas tem familiaridade com as narrativas bíblicas, percebe com facilidade que o texto paulino menciona mais de uma passagem da Torá, e apenas a falta de honestidade intelectual pode ser motivo para que eruditos forcem tanto um texto para um caminho que ele mesmo não tomou. Portanto, esteja Paulo citando Ex 32 ou Nm 25, os vinte e três mil mortos não aparecem.

Para não correremos o risco de deixar de ouvir os argumentos dos defensores da inerrância bíblica, citamos também a *Bíblia apologética*, do Instituto Cristão de Pesquisas:

É um erro associar este texto com o de Números, acreditando que Paulo estava se referindo ao mesmo episódio protagonizado por Balaão, Balaque e o povo hebreu, quando vinte e quatro mil pessoas morreram. Em verdade, o texto em estudo está diretamente relacionado a Êxodo 32.6, que nos diz que os israelitas se corromperam, instigando Arão a confeccionar um bezerro de ouro, diante do qual o povo se prostrava enquanto aguardava Moisés, que se encontrava sob o Horebe. Êxodo fala da punição atribuída por Deus aos transgressores que se inclinaram ao bezerro, mas sem especificar o número de vítimas (Ex 32.35). Diante disso, fica desmerecida a ideia de contradição bíblica entre o texto em estudo e Números 25.9, que, como ficou provado, acha-se inserido em outro contexto (p. 1154).

Antes de tudo, não há, necessariamente, erro em associar a citação paulina a Nm 25, pois lá, além de mencionar um número de mortos mais próximo do que o apóstolo cita em 1Cor 10, temos também a informação de que a causa da morte do povo foi a imoralidade sexual, o que também é citado por Paulo. Talvez o apóstolo, sem se preocupar com tais minúcias, tenha citado Nm 25, no contexto geral que fala de mortos por causa da

imoralidade sexual, além da idolatria, misturando-a com a outra passagem, de Ex 32, que menciona “um só dia”. Citar passagens misturadas não é algo incomum no N.T. E a *Bíblia apologética* também não nos informa, como defensores da inflexível posição da inerrância da Bíblia, de onde o nosso apóstolo tirou vinte e três mil mortos que, como já frisamos, não aparece na citação de *Êxodo*, que eles estão defendendo como a referência citada.

Para concluir, citamos Champlin:

Evidentemente Paulo citou o trecho de Númer. 25:9 de memória; pois, verificando as cifras, vemos que essa passagem fala em vinte e quatro mil, isto é, mil a mais do que o total referido por Paulo. Alguns intérpretes bíblicos têm fabricado diversas teorias na tentativa de explicar essa discrepância. Por exemplo, sugerem que vinte e quatro mil foi o número “total” dos mortos, mas que vinte e três mil foi o número dos mortos em um “único dia”. Outros estudiosos têm sugerido que a “praga” matou vinte e três mil homens, mas que os juízes de Israel mataram pessoalmente a outros mil. Porém, a passagem de Núm. 25:9 diz especificamente que vinte e quatro mil pessoas foram mortas pela “praga”; e a questão da menção suposta, por parte de Paulo, daqueles que morreram em um “só dia”, sem haver mencionado os outros mil, sem dúvida é uma interpretação arbitrária e desonesta (CHAMPLIN, 1995, p. 151).

O leitor moderno, que tem um posicionamento mais moderado, pode pensar que é perda de tempo discutir uma questão que aparentemente não é relevante, que não influencia em questões mais fundamentais da fé cristã. Por outro lado, podemos afirmar que as citações presentes neste artigo, por si só, já demonstram que, para os teólogos conservadores, defender até a exatidão dos números mencionados é um fator muito importante. Assim, julgamos necessário, no mínimo, debater a questão, a fim de esclarecê-la cada vez melhor. Ainda falando a respeito da passagem paulina, a nossa posição é que as lições que o apóstolo quer transmitir no texto aqui discutido são claras e que este provável deslize de memória quanto ao número exato de mortos mencionados na Torá não compromete em nada o seu argumento ou a validade da Escritura.

3. UMA CITAÇÃO PROBLEMÁTICA NO EVANGELHO DE MATEUS

Analisemos, agora, Is 7,14 como interpretado no N.T., novamente buscando entender se há equivalência entre o sentido original da passagem e a forma como o escritor do N.T. a interpreta. Há muitas passagens nos evangelhos que poderiam ser analisadas do ponto de vista do nosso tema, mas, devido ao espaço limitado que aqui temos, escolhemos apenas uma, e a escolhemos com base em sua importância. Vejamos o texto em Mt 1,23:

A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e lhe chamarão Emanuel” que significa “Deus conosco (Nova Versão Internacional).

Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho, que se chamará Emanuel, que significa: Deus conosco (Versão Católica).

See, the virgin will be with child, and will give birth to a son, and they will give him the name Immanuel, that is, God with us (Basic English).

O texto citado, do evangelho de Mateus, fala do nascimento miraculoso de Jesus, sobre como um anjo do Senhor apareceu a José para afirmar que a gravidez de Maria não era natural, pois ela concebeu pelo poder do Espírito Santo, e daria à luz ao salvador do seu povo. O escritor bíblico, para demonstrar que tal evento já estava predito por um profeta inspirado, cita Is 7,14, que diz o seguinte:

Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel (Almeida Corrigida e Revisada).

Por isso, o próprio Senhor vos dará um sinal: uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e o chamará Deus Conosco (Versão Católica). Pois sabeis que o Senhor mesmo vos dará um sinal: Eis que a jovem está grávida e dará à luz um filho e dar-lhe-á o nome de Emanuel (Bíblia de Jerusalém).

For this cause the Lord himself will give you a sign; a young woman is now with child, and she will give birth to a son, and she will give him the name Immanuel (Basic English).

Note o leitor que duas das versões citadas usam a palavra “virgem”, enquanto a Bíblia de Jerusalém traduz por “jovem”. Já a versão em inglês, a Basic English, não usa o termo “virgin” (virgem em inglês), mas usa as palavras “young woman”, isto é, uma mulher jovem, uma moça. Frisamos, todavia, que praticamente todas as versões que conhecemos usam a palavra

virgem para a tradução de Is 7,14. Não entraremos aqui na discussão do termo hebraico *almah*, que é o que aparece na citação de Is 7,14, não significar virgem, mas mulher jovem, já que o termo para virgem, no hebraico, é *bethulah*, nem discutiremos o fato de Mateus ter citado a versão dos setenta, a LXX, e tal versão tê-lo influenciado a usar a palavra virgem (*parthenos* no grego) e não moça jovem. Apenas citamos isso superficialmente, para que o leitor tenha as informações que envolvem o debate. O nosso propósito é analisar o contexto da passagem de Isaías e ver se o intuito do profeta é falar de um nascimento miraculoso ou não, isto é, o nosso objetivo é ver, como temos feito até aqui, se a passagem do A.T. tem o mesmo sentido que o escritor do N.T. a dá quando a cita.

Acáz, para quem a mensagem de Is 7 foi dirigida, foi alvo do ataque de Peca, rei de Israel, e de Rezim, rei da Síria, que tentaram invadir Jerusalém, reino do sul de Israel (Is 7,1). Tal tentativa de invasão causou temor aos habitantes do reino do sul e ao rei Acáz (Is 7,2). O objetivo da invasão da Síria e do norte de Israel era dominar o território do sul, dividindo-o entre os invasores e colocando outro rei no lugar (Is 7,5-6), rei que provavelmente seria um fantoche. O profeta Isaías afirmou que os planos de invadir Judá não dariam certo (Is 7,7) e que o reino do norte deixaria de existir (Is 7,8). Talvez Acáz não tenha acreditado na mensagem e fez aliança com os assírios, pedindo ajuda contra essa invasão (2 Rs 16,7-9), o que funcionou, pelo menos temporariamente.

Mas provavelmente antes disso Isaías disse a Acáz, que talvez estivesse incrédulo (Is 7,9), que pedisse um sinal a Deus a respeito do que estava sendo dito a ele (Is 7,10-11). Acáz poderia pedir um sinal grandioso, mas se recusou a isso (Is 7,12). Apesar da recusa de Acáz, o sinal seria dado por Deus, como anunciado pelo profeta (Is 7,14-16). Os versículos 15 e 16, do mesmo capítulo sete, dizem o seguinte:

Ele se alimentará de coalhada e de mel até que saiba rejeitar o mal e escolher o bem. Com efeito, antes que o menino saiba rejeitar o mal e escolher o bem, a terra, por cujos dois reis tu te apavoras, ficará reduzida a ermo (Bíblia de Jerusalém).

Champlin comenta sobre estes versículos:

Coalhada e mel sugerem alimentos simples, ingeridos em tempos relativamente difíceis. A criança amadureceria até ter noções de res-

ponsabilidade moral. Esse é o Emanuel da história que, como criança, cresceu. Ele ainda seria uma criança quando a profecia de Isaías se cumprisse (CHAMPLIN, 2001, p. 2811).

Partindo desta explicação, entendemos que a profecia fala dos tempos difíceis pelos quais Acáz e o reino do sul passariam até que o livramento viesse. A criança, que seria o sinal divino, viveria as dificuldades as quais o reino do sul estaria sujeito até que soubesse “rejeitar o mal e escolher o bem”. Champlin explica esta expressão:

Quando o menino ainda era muito pequeno, não tendo ainda chegado à idade da responsabilidade moral, de conhecer o bem e o mal, teria cumprimento a profecia de Isaías concernente às potências do norte (...) Os judeus marcavam a idade de distinguir o bem do mal aos três anos e, assim sendo, a profecia de condenação proferida por Isaías acerca da aliança nortista não demorou muito para ser cumprida (CHAMPLIN, 2001, p. 2811).

Ou seja, entendendo a profecia em seu contexto, como e para quem foi proferida, o nascimento desta criança e sua idade marcariam o tempo do livramento divino para o reino do sul, isto é, a mensagem do profeta Isaías é que em breve, no tempo em que uma criança começasse a distinguir o certo do errado, os dois reis que atormentavam Acáz não causariam mais problemas.

Citaremos, a seguir, o que o *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e “Contradições” da Bíblia* diz a respeito da passagem que estamos analisando:

Esta profecia pode ter tido um duplo cumprimento. Devido ao estado desesperador em que se encontrava o povo de Israel, Deus prometeu dar-lhe um sinal de que ele libertaria por fim o seu povo da escravidão. Muitos eruditos acreditam que esse sinal veio sob duas formas. Primeiro, como um sinal da libertação física de Israel da escravidão a que estariam se submetendo com a invasão dos assírios. Segundo, como um sinal da libertação espiritual da escravidão a Satanás. O primeiro aspecto desse sinal foi cumprido com o nascimento de Rápido-Despojo-Presa-Segura, como registrado em Isaías 8:3. O segundo aspecto desse sinal foi cumprido com o nascimento de Jesus Cristo em Belém, como registrado no Evangelho.

A palavra que correspondente a “virgem” (*almah*) refere-se a uma jovem que nunca manteve relação sexual com um homem. A esposa de Isaías que teve a criança em cumprimento do primeiro aspecto da profecia era virgem até ter concebido de Isaías. Entretanto, de acordo com Mateus 1:23-25, Maria, mãe de Jesus, era virgem mesmo quando concebeu e deu à luz Jesus. A concepção física e o nascimento do filho de Isaías foi um sinal a Israel de que Deus os libertaria da escravidão física em relação aos assírios. Mas a concepção sobrenatural e o nascimento do Filho de Deus foi um sinal a todo o povo de Deus de que o Senhor os libertaria da escravidão espiritual do pecado e da morte (GEISLER; HOWE, 1999, p. 275-276).

Não entraremos aqui na questão das profecias de duplo sentido, pois senão abriríamos um parêntese muito grande com a análise de textos que se enquadrem em tal quesito e perderíamos o nosso foco. Embora o texto de Is 7,14 seja entendido por alguns, como pelos autores do texto citado acima, como uma profecia de duplo sentido, o nosso intuito é, analisando o texto, buscar entender se ele sugere, *por si mesmo*, a interpretação que o N.T. o deu.

Embora os autores falem que a profecia era um sinal da libertação contra a escravidão e invasão dos *assírios*, na verdade, como vimos brevemente, o texto fala de livramento para o reino do sul contra os *sírios* e contra o *reino do norte de Israel*. Seja como for, concordamos com os autores do manual quanto ao cumprimento histórico da profecia, já que negar este aspecto óbvio seria negar a clareza com que a mensagem se dirigiu a Acáz. Quanto ao outro suposto aspecto da profecia ter se cumprido em Jesus, não duvidamos de que Deus tenha feito Jesus Cristo nascer de Maria por um milagre. Não se trata aqui de limitar a Deus pela razão humana, pois, além de não ser o propósito deste pequeno texto, não entendemos que Deus possa estar limitado a coisa alguma. Contudo, entendemos que a análise séria do texto de Isaías não sugere o nascimento miraculoso do Messias por uma virgem, já que o nascimento da criança citada por Isaías nada tem de miraculoso. O leitor da Bíblia, se quiser, pode encontrar paralelos entre o menino que seria um sinal divino para Acáz e Jesus, da maneira que achar melhor. Não há o menor problema em fazermos este tipo de análise. Insistimos, todavia, que a leitura da passagem original não sugere um nascimento miraculoso de uma virgem por intervenção do Espírito Santo.

No caso de Jesus, ele mesmo seria o Salvador, e no caso do menino de Isaías ele foi apenas um sinal de livramento, isto é, a *idade do menino* seria o indicativo de que em breve Judá seria livre daqueles inimigos que a afligiam. O menino, em si mesmo, não salvaria ninguém. O nome “Deus conosco”, na passagem original, se refere ao menino como sinal de que Deus estaria com Judá, nada tendo a ver com o fato de que Jesus era, literalmente, Deus no meio dos homens, como ocorre nas narrativas dos evangelhos. Assim, apesar de algumas semelhanças superficiais, a interpretação dada por Mateus não parece ter relação com o conteúdo da profecia de Isaías.

O *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e “Contradições” da Bíblia* também afirma, em parte do texto citado acima, que “a palavra que correspondente a ‘virgem’ (*almah*) refere-se a uma jovem que nunca manteve relação sexual com um homem”. Como dissemos, não é nosso intuito discutir questões que envolvem traduções, pois apenas eruditos do assunto têm maiores condições para tal, mas, apenas para dar uma informação básica, como já dissemos, o termo “*almah*” não significa especificamente uma mulher virgem, mas se refere a uma moça jovem, na idade de se casar, seja ela virgem ou não.

Vejamos também o comentário de Gibbs:

... a palavra *almah* poderia referir-se a uma *mulher jovem em idade de casar*, nas Escrituras, mas, nunca se lê esta palavra simplesmente *moça*. Onde quer que aparece a palavra *almah*, o contexto sempre indica *virgem*, no sentido mais estrito da palavra (GIBBS, 2008, pp. 30-31).

Como dissemos, não é de nosso propósito ou competência discutir a questão de qual seria a tradução mais correta, mas sim focar na interpretação do texto. Embora o autor reconheça a possibilidade do termo *almah* se referir não a uma virgem necessariamente, mas a uma mulher jovem, ele entende que, na Bíblia, o sentido da palavra hebraica sempre se refere a uma mulher virgem, e isto com o intuito de fazer o texto de Is 7,14 estar se referindo a uma mulher virgem, fazendo o texto ser uma profecia a respeito do nascimento virginal de Jesus Cristo. A respeito deste argumento, sobre o qual não nos alongaremos, o leitor pode consultar os textos de Ct 1,3; Pv 30,19; Sl 68,25, onde o termo *almah* aparece no hebraico, mas eles não parecem estar se referindo a mulheres virgens, estritamente, mas a jovens em geral, sejam ou não virgens. Com isso, não parece que o termo *almah*, na Bíblia, sempre se refira a uma virgem, no sentido estrito da palavra, como

afirma Gibbs. Portanto, a nossa conclusão é que o vínculo entre a profecia contida em Is 7,14 e sua aplicação ao nascimento virginal de Jesus Cristo não é sugerido pelo texto do profeta Isaías.

CONCLUSÃO

Há uma quantidade muito maior de textos bíblicos que poderíamos analisar a respeito do assunto, mas o espaço não permite nos estendermos mais. Todavia, mesmo com um número pequeno de referências analisadas neste artigo, podemos concluir que, em alguns momentos, o sentido que os escritores do N.T. dão a certas passagens das Escrituras Hebraicas é diferente daquele pretendido originalmente. Uma análise séria, isenta da paixão apologética ou de uma exegese direcionada por alguma doutrina preestabelecida, nos ajuda a interpretar a Bíblia de maneira mais lúcida e honesta, para entendermos, de fato, o que o texto bíblico quer dizer. Ao contrário disso, se tivermos como pressuposto a doutrina da inerrância bíblica como critério inflexível, teremos, muitas vezes, que modificar o sentido de certas passagens para que elas se adequem a este critério, o que prejudicará o entendimento da mensagem, além de, muitas vezes, nos levar a cair na armadilha da desonestidade intelectual. Entendemos que não é necessário pressupor que a Bíblia seja isenta de erros para tirar proveito dela, crer em sua mensagem, apreciá-la, amá-la ou praticá-la.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA. Português. *Nova versão internacional*. São Paulo: Sociedade bíblica internacional, 2000.

_____. *Bíblia apologética de estudo, edição corrigida e revisada*. 2. ed. Jundiaí: Instituto Cristão de Pesquisas, 2005.

_____. *Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada*. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. *Almeida corrigida e revisada*. Disponível em www.bibliaonline.com.br. Acesso em: 02 fev 2012.

_____. *Versão católica*. Disponível em www.bibliaonline.com.br. Acesso em: 02 fev 2012.

BÍBLIA. Inglês. *King James*. Disponível em www.bibliaonline.com.br. Acesso em: 02 fev 2012.

_____. *Basic English*. Disponível em www.biblionline.com.br. Acesso em: 02 fev 2012.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. Trad. João Marques Bentes. São Paulo: Editora Candeia, 1995.

_____. *O antigo testamento interpretado versículo por versículo*. Trad. João Marques Bentes. 2. ed. São Paulo: Editora Hagnos, 2001.

CLARK, David S. *Compêndio de teologia sistemática*. Trad. Samuel Falcão. 2. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1988.

GEISLER, Norman; HOWE, Thomas. *Manual popular de dúvidas, enigmas e "contradições" da Bíblia*. Trad. Milton Azevedo Andrade. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

GIBBS, Carl Boyd. *Os profetas maiores: as profecias de Isaías, Jeremias e Ezequiel*. 1. ed. Campinas: EETAD, 2008.

HURLBUT, Jesse Lyman. *História da igreja cristã*. São Paulo: Editora Vida, 1979.

LAZZARI JUNIOR, Julio Cezar. *A religião racionalista de Voltaire*. 2011. Dissertação (Mestrado) - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo. Disponível em http://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/2012/187.pdf. Acesso em: 04 ago. 2012.

OLIVEIRA, Raimundo Ferreira. *Heresiologia I: Discernindo entre a verdade e o erro – seitas tradicionais*. 1. ed. Campinas: EETAD, 2007.

PURY, Albert de (Org). Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. *O pentateuco em questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da bíblia à luz das pesquisas recentes*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, Antonio Gilberto. *Bibliologia: introdução ao estudo da Bíblia*. 1. ed. Campinas: EETAD, 2006.